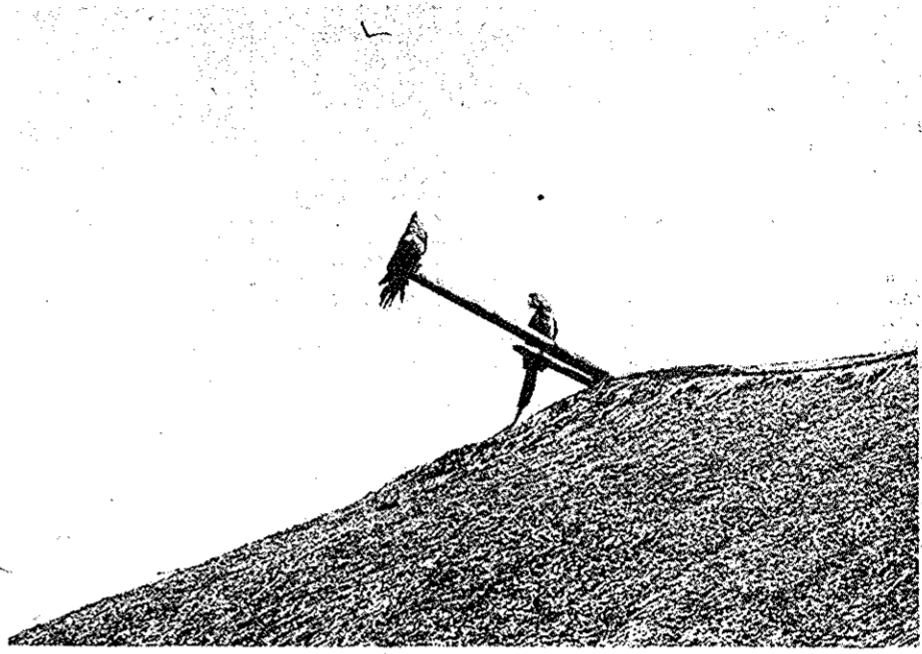
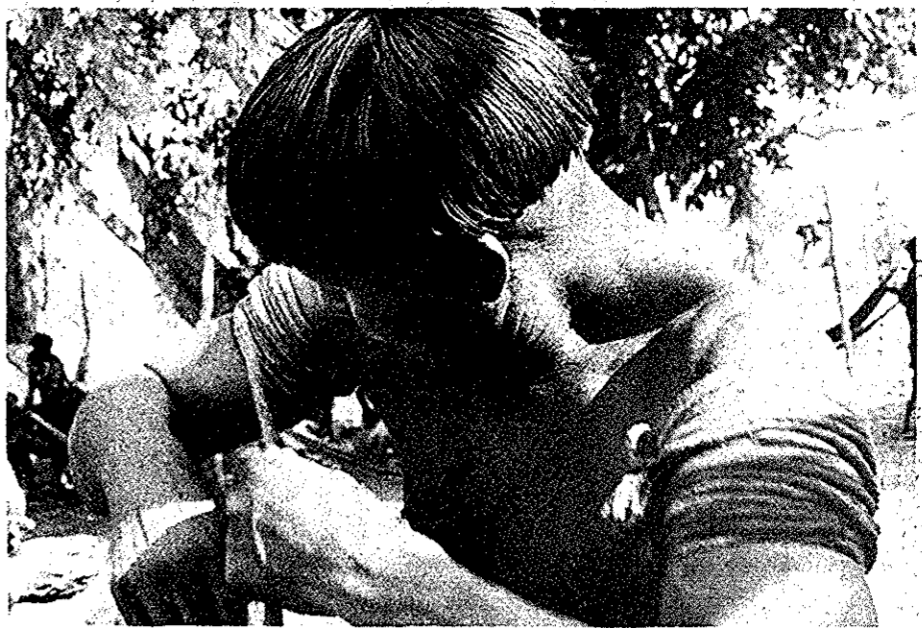


Todas as relações de "melhores do ano", em 85, colocaram a série "Xingu" em lugar de destaque. Quem perdeu a primeira exibição tem chance agora de conhecer toda a série, que está sendo retransmitida pela Rede Manchete (TV Brasília), todos os domingos. "Xingu" não se limita a mostrar os índios como uma mera "curiosidade", mas mergulha fundo no cotidiano das tribos e seus costumes são mostrados abertamente, como nunca a televisão fez. São 11 episódios divididos em etapas bastante distintas.

A série "Xingu" já ganhou uma série de prêmios, e agora está se preparando para participar da Bienal de Veneza, em maio, com o sétimo episódio da série, totalmente dedicado à arte dos índios do Xingu. No Brasil a série também foi um grande sucesso, conseguindo 1/3 da audiência do horário, se constituindo num dos maiores êxitos da Rede Manchete desde sua inauguração. A volta ao ar já estava sendo esperada há algum tempo e agora, concorrendo com "Os Trapalhões", já começa a conseguir uma boa audiência, como foi verificado na semana passada.

A região do Xingu reúne 16 nações indígenas que representam, no conjunto, cerca de três mil índios. Existem quatro grandes troncos linguísticos, com subdivisões dentro de cada uma delas. As diferenças de cultura entre essas nações são muito grandes e, por exemplo, os índios do Alto Xingu praticam a poligamia, enquanto que no Baixo Xingu, o costume é o da monogamia. Até a forma das casas e a pintura corporal são diferentes. Washington Novaes, diretor da série "Xingu", fala aqui de sua convivência com os índios e o respeito que aprendeu a ter por eles e por sua cultura. Ele chega a defender que a nova constituição dê o direito de propriedade de suas terras aos índios, além do compromisso imediato de demarcação das regiões. Washington Novaes propõe até uma mudança semântica, para que se deixe de falar no "problema do índio", defendendo que o não existe qualquer problema. Ele defende ainda a pluriétnia dos índios, isto é, o direito de serem reconhecidos como cidadãos de duas nações: a brasileira e a nação deles próprios.



# No ar, mais uma vez, a cultura dos índios em

# 'XINGU'

— Como foi a história dos prêmios?

A história do prêmio é a seguinte: o Governo brasileiro foi convidado a mandar um representante para o Simpósio Internacional de Broadcasting realizado na Coreia do Sul. O Governo brasileiro pediu à Radiobrás que representasse o Brasil. O Antônio Carlos Drummond, que é o presidente da Radiobrás, escolheu na programação da TV Nacional de Brasília um programa para representar o Brasil no festival paralelo a esse simpósio. E ele escolheu o "Xingu", que tinha sido exibido pela TV Nacional. Levou um dos programas da série ainda sem dublagem, só com a tradução da narração.

No simpósio foram discutidos problemas de televisão do mundo inteiro, problemas de relacionamento das televisões dos países desenvolvidos com os países de Terceiro Mundo, relações entre TVs dos Terceiro Mundo, uma série de temas. Era um simpósio do qual participaram muitos professores universitários, além de profissionais de televisão. Tinha representantes de 84 países. Desse 84 países, 45 apresentaram programas no festival: ou documentários ou programas de entretenimento. Ao todo, apresentaram 56 trabalhos. E, para nossa surpresa, surpresa também do Toninho Drummond que estava lá no festival, no último dia, na festa de encerramento, o "Xingu" ganhou o primeiro prêmio, ganhou uma medalha de ouro e uma estatueta de ouro.

O segundo lugar ficou com o Paquistão e o terceiro com o Irã. E houve um prêmio especial para um curta-metragem do Paraguai, feito por um repórter de televisão que conseguiu botar uma câmera dentro de um hospício. Segundo o Toninho Drummond, são imagens muito fortes. Então, foi uma surpresa, quer dizer, ninguém nem se lembrava mais de que o Toninho Drummond tinha levado isso. Depois, a série foi incluída pelo "Jornal do Brasil" e pelo "Auror" da Tavola, no "Globo", entre os melhores programas do ano. O interesse do exterior pela série também é muito grande. A Manchete já foi procurada por emissoras de vários países, a BBC inglesa se interessou, a televisão holandesa, a televisão francesa, a televisão alemã, a televisão espanhola e também várias delas quiseram cuidar da comercialização no exterior. Isso não começou a ser feito ainda porque ainda não foram negociados os direitos de imagem com os índios. O contrato feito com eles previa um pagamento. Numa primeira etapa, foi feito um pagamento antecipado para os direitos de imagem no Brasil. E o contrato prevê expressamente uma outra negociação para os direitos de imagem no exterior. Isso é uma coisa de que a Intervideo e a Rede Manchete podem ser orgulhar muito, porque foi a primeira vez que se pagaram direitos de imagem para os índios. Todo mundo sempre foi lá e sempre fez filme, fez documentários, fotografias, livros, publicidade, fez tudo e nunca se pagou para eles um tostão. Ao passo que para fazer o "Xingu" esses direitos foram negociados antecipadamente, foi feito um contrato escrito, cada uma das aldeias foi consultada e o pagamento foi feito antes da nossa viagem para lá.

Há histórias interessantes sobre a produção do programa. Quais as mais interessantes que você contaria?

A primeira é exatamente o processo de negociação da série. Eu fiz esse projeto para a Intervideo e ele ficou pronto em fevereiro de 84. O primeiro projeto que eu tinha feito era grande demais, era ambicioso demais, porque era um projeto sobre índios brasileiros e previa muitos lugares. Então seria um projeto de execução difícil, demorado e muito caro, era um projeto muito aberto. Então a Intervideo preferiu que fizesse um projeto mais fechado, só no Xingu. Ai foi outra coisa, um mergulho mesmo na cultura do Xingu. O que se pretendia era mostrar as culturas do Xingu de uma forma que não tinha sido feita ainda, de uma forma bastante detalhada, mergulhando em vários aspectos, mostrando essa cultura do nascimento até à morte, porque no Brasil muito pouca gente sabe alguma coisa sobre índio. A literatura que existe no Brasil sobre índio é muito pobre, muito pouca e quase sempre é uma literatura acadêmica, de trabalho científico. Então quase tudo que você lê nos livros escolares sobre índios do Brasil são generalizações erradas. Ou as pessoas pensam o índio brasileiro em termos do que vêem em filme americano, em westerns americanos.

Então, seria uma tentativa de mostrar realmente o que é a cultura do índio. Foi feito um projeto que previa mostrar a visão de mundo desses índios do Xingu, dessas várias culturas; como o índio nasce e como ele é educado; depois, a adolescência e os rituais de passagem para a vida adulta; depois, o namoro, o casamento, a família, separação, adultério, poligamia, polândria, enfim, o amor entre o homem e a mulher no Xingu, depois, a organização social e política do índio; em seguida,

medicina e magia no Xingu; depois, a arte; depois, velhice e morte. Então, você teria mostrado tudo e só ai é que se colocaria o problema da sobrevivência dessas culturas, a relação com o branco e o problema da sobrevivência.

Acho que o índio brasileiro tem sido muito mostrado pelas pessoas que se interessam pela causa do índio como vítima, tem sido mostrado o índio injustiçado, degradado, humilhado, esse índio realmente já transformado num farrapo humano, que é o índio expulso da sua terra e que vem para o meio do branco, onde ele se transforma em alcoólatra, mendigo, bôafria, louco. Eu acho que era preciso primeiro mostrar a beleza do índio e o quanto nós temos a aprender com ele, para que as pessoas depois fossem confrontadas com o problema da sobrevivência e passassem a defender o índio, se tornassem aliadas. São todas culturas ameaçadas de extinção, porque só neste século, no Brasil, já desapareceram mais de cem nações. Só neste século.

Esse projeto foi concebido assim e levado à FUNAI, na administração Otávio Ferreira Lima, que tinha uma visão muito estranha do índio, e ele não se interessou pelo projeto. O projeto ficou se arrastando pela burocracia da FUNAI. Logo em seguida surgiu aquele conflito no Xingu, quando os índios apreenderam a balsa para exigir a expulsão dos fazendeiros que haviam invadido as terras. Ai é que o projeto não andou mesmo. Eu achava até que ele já estava morto quando o conflito se resolveu e a Intervideo voltou à carga, pediu para eu voltar a Brasília.

Só que ai eu tomei outro caminho. Pedi a ajuda da Memélia Moreira, que era repórter da "Folha de S. Paulo" e que conhecia muito o pessoal todo dessa área. A Memélia me levou ao Marcos Terena, que é um índio que tinha assumido a chefia de gabinete do Presidente da FUNAI. E o Marcos Terena então me ajudou. Gostou do projeto, se interessou e me levou ao Megaron, que é um txucaramãe que tinha sido nomeado diretor do parque. Comecei então a negociar com o Megaron e muito ajudado também pelo André Vilas Boas, que era o assistente dele.

Ai o Megaron fez uma consulta nas aldeias. Nós Tivemos escolhido quatro aldeias, os Waurá, porque a meu ver é a cultura mais preservada do Alto Xingu; os Kulkuro, porque ia-se realizar um Kuarup; os Txucaramãe por causa da liderança do Raoni, que é um homem extraordinário; e os Kren-akroro, porque era a nação de contato mais recente com os brancos, a



última a chegar ao Xingu, e a mais afetada; morreram quase todos os adultos, eles perderam muitas das tradições a situação deles é difícil.

Negociado com eles, acertado e feito o pagamento dos direitos de imagem, nós embarcamos para lá.

Logo na primeira aldeia, nos Waurá, eu já comecei com um susto. Nós chegamos lá num sábado à tarde, sábado de céu azul mesmo. Eles sabiam que nós íamos chegar e estavam todos pintados, enfeitados e nos receberam na casa do Odele Malacutawá. Em seguida, eles me chamaram na frente da Casa dos Homens, onde estavam os homens da aldeia reunidos. O cantor-chefe da aldeia, que é filho do Malacutawá, falou que eles estavam muito satisfeitos por estarmos lá e que iam fazer tudo para nos ajudar, iam mostrar tudo o que eles tinham de mais bonito. E mandou me perguntar quando é que chegaria o trator. Eu disse que não sabia de nenhum trator. Então ele falou que tinham pedido um trator para nós. Eu expliquei que ninguém tinha me falado nada disso, tinha sido acertado que seriam pagos 5 milhões para cada aldeia e mais 15 milhões para as outras que participassem da festa do Kuarup. De trator eu não sabia. Ele, então, quando soube que não viria nenhum trator, começou a chorar. Aquele homem imenso, mais de 1,80m de altura, fortíssimo, todo pintado e enfeitado, começou a chorar e chorar, de soluço mesmo.

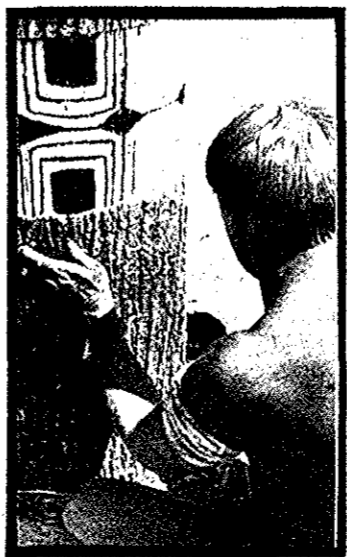
Eu queria sumir dali, queria que se abrisse um buraco ali na frente para eu me enfiar. E ficou aquele silêncio constrangedor, uns 10 minutos de silêncio, ninguém falava nada. Depois de uns 10 minutos, ele parou de chorar e mandou me dizer que eu podia ficar tranquilo, eles estavam muito tristes porque tinham esperado muito esse trator, o trator ia melhorar

muito a vida deles, mas que eu ficasse tranqüilo que eles iam fazer tudo da mesma forma, que eles nunca ofenderiam um visitante.

Realmente, durante duas semanas eles fizeram tudo mesmo para nos ajudar. Eu contei essa história num dos programas e num artigo que escrevi para a revista "Manchete", exatamente para ver se aparecia alguma coisa generosa para dar esse trator para eles. E apareceu. Recebi uma carta de um editor inglês se disposto a dar o trator desde que o governo brasileiro o isente de impostos na entrada aqui. Então, eu encaminhei a carta à Funai, para providenciar, e avisei ao Marcos Terena, pedi a ele para avisar ao Megaron. Agora, o Megaron falou comigo outro dia e disse que esse negócio está muito complicado, porque a história se espalhou no Xingu e os Kulkuro também querem um trator, os Kren-akroro querem trator e estou eu ai apertado de novo com a história desse trator.

Mas as coisas lá são sempre assim, índio é uma gente muito delicada e muito peculiar. Uma das coisas mais difíceis da gente se acostumar é com essa história de chefe, porque todo mundo diz que quem tem chefe é índio. E exatamente o contrário, índio não tem chefe, índio tem um líder cultural. Chefe não manda nada, ninguém pode dar ordens. Isso não faz parte da cultura do índio do Xingu e de muitas outras nações. O chefe é o representante da tradição, da experiência, da cultura, mas ele não dá ordem a ninguém. Se alguém dar ordem para o índio, o índio ri; ele acha engraçado alguém dar ordem para ele, é uma pessoa muito independente.

Para chegar na aldeia Kulkuro, você vai pelo Rio Kuluene desce num barranco que eles chamam de porto, anda uns 6 ou 7 quilômetros a pé pelo meio do



mata, chega numa lagoa, tem que atravessar essa lagoa numa canoinha de casca de árvore, depois anda mais um quilômetro e meio e chega na aldeia. Então, quando nós fomos para lá, eu fui na frente com um Kulkuro e uma enfermeira da FUNAI, para pedir ajuda, porque nós tínhamos uns 500 ou 600 quilos de carga, entre equipamentos, comida, etc.

Quando chegamos eles estavam dançando uma dança preparatória da festa do Kuarup e eu não pedi ajuda ao chefe para trazer aquela carga toda. Ele falou uma meia dúzia de palavras e saíram umas duas crianças. E eu disse para ele: "mas não dá, chefe, é muita carga, muita coisa". Ele falou de novo e saíram mais uma ou duas crianças.

Quando chegamos eles estavam dançando uma dança preparatória da festa do Kuarup e eu não pedi ajuda ao chefe para trazer aquela carga toda. Ele falou uma meia dúzia de palavras e saíram umas duas crianças. E eu disse para ele: "mas não dá, chefe, é muita carga, muita coisa". Ele falou de novo e saíram mais uma ou duas crianças.

Quando chegamos eles estavam dançando uma dança preparatória da festa do Kuarup e eu não pedi ajuda ao chefe para trazer aquela carga toda. Ele falou uma meia dúzia de palavras e saíram umas duas crianças. E eu disse para ele: "mas não dá, chefe, é muita carga, muita coisa". Ele falou de novo e saíram mais uma ou duas crianças.

Quando chegamos eles estavam dançando uma dança preparatória da festa do Kuarup e eu não pedi ajuda ao chefe para trazer aquela carga toda. Ele falou uma meia dúzia de palavras e saíram umas duas crianças. E eu disse para ele: "mas não dá, chefe, é muita carga, muita coisa". Ele falou de novo e saíram mais uma ou duas crianças.

Quando chegamos eles estavam dançando uma dança preparatória da festa do Kuarup e eu não pedi ajuda ao chefe para trazer aquela carga toda. Ele falou uma meia dúzia de palavras e saíram umas duas crianças. E eu disse para ele: "mas não dá, chefe, é muita carga, muita coisa". Ele falou de novo e saíram mais uma ou duas crianças.